Raymond Williams: sobre o materialismo cultural no processo histórico

Thaís Nery**

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p427-444

Resumo: Raymond Williams (1921-1988) foi um dos pensadores mais originais e influentes de seu tempo, tendo contribuído de forma inestimável para a teoria cultural contemporânea. Intelectual engajado de convicções socialistas, Williams renovou profundamente o pensamento marxista sobre a cultura, por meio de estudos de sociologia e crítica cultural, produção literária e influência na cultura da mídia por uma análise profunda da vida em sociedade. Com base em seus estudos, o pensador britânico pode enfim pensar em uma definição de um dos conceitos mais complexos dentro das humanidades: a ideia de cultura, sobretudo na sociedade contemporânea Ocidental. O presente artigo tem como objetivo apresentar de forma simples, porém didática, a obra de Raymond William e sua reflexão sobre a teoria da cultura, materialismo cultural, o modo como ele se desenvolveu em importantes obras teóricas de diferentes momentos de sua trajetória intelectual a partir da interpretação do materialismo histórico e a importância da história cultural nesse processo.

Palavras- chave: Raymond Williams, Estudos Culturais, Cultura, Materialismo, História Cultural.

Introdução

Raymond Williams nasceu em 1921, no País de Gales, e cresceu em um ambiente de forte tradição trabalhista e de grande presença na cena política britânica através do Partido Trabalhista Britânico (o *Labour*), com forte influência do socialismo. Ainda jovem, Williams adquiriu uma bolsa de estudos em Cambridge, considerado por muitos como o centro da elite intelectual inglesa.

Além dos estudos, Williams se dedicou à militância estudantil, sendo membro do Partido Comunista Britânico e do Clube Universitário Socialista de Cambridge, e nesse contexto conheceu o historiador Eric Hobsbawm. Raymond Williams também integrou o movimento intelectual conhecido por *New Left*, que reuniu segmentos oriundos do Partido Comunista insatisfeitos com o que chamavam de "estalinismo", igualmente com o elitismo da intelectualidade e da crítica literária inglesa e a guinada à direita do Partido Trabalhista. Assim como Hobsbawm, Williams também liderou essa vertente crítica à experiência soviética, mas sem abandonar o legado socialista.

Em seu projeto intelectual, Williams reelabora a teoria marxista sobre a cultura, mesmo ciente das contribuições do marxismo clássico, com ênfase na economia política, para a história; portanto, é partindo do materialismo histórico que Williams dedicou-se a pensar uma teoria materialista da cultura que levasse em conta seu papel social. O materialismo cultural tem como meta tornar a história cultural em material. Contudo, para firmar essa nova posição teórica – o materialismo cultural – a primeira tarefa de Williams seria a redefinição, ou o aprofundamento, do termo "cultura" que, a partir dessa perspectiva teórica – materialista –, deve ser entendida "como o sistema de significações mediante o qual necessariamente (...) uma dada

ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada" (WILLIAMS, 2011, p. 13)

O presente artigo visa apresentar de forma simples, porém didática, a obra de Raymond William e sua reflexão sobre a teoria da cultura. O artigo está dividido em quatro sessões mostrando a trajetória do pensamento de Williams até a definição e reflexão acerca do conceito de cultura.

1. Raymond Williams: cultura comum x cultura de minoria

Em defesa da classe trabalhadora e sua ascensão por meio da educação, o movimento da *New Left,* que reuniu nomes como Edward P. Thompson, Christopher Hill, o próprio Eric Hobsbawm e, posteriormente, Perry Anderson e Stuart Hall, passa a ser inserido no que Anderson chamou de "marxismo Ocidental" em seu livro *Considerações sobre o marxismo ocidental*, de 1976, a partir de então, se tornará um conceito consagrado, em particular no mundo de língua inglesa, marcado pela mudança de ênfase da economia política – como no marxismo clássico - para a cultura, contudo, o termo é demasiadamente genérico e abrange autores muito distintos, como: Gramsci, Adorno, Marcuse, Lukács e o próprio Raymond Williams, apesar das afinidades relativas entre si, também há uma série de divergências entre os mesmos, evidenciando o caráter problemático do conceito.

Essa formação acadêmica, política e cultural híbrida, de caráter marcadamente democrático e progressista, iria posteriormente defrontar-se com o ambiente conservador dos estudos literários ingleses, representados por I. A. Richards e F. R. Leavis, intelectuais que defendiam o método conhecido por "crítica prática", ou seja, tratava-se de uma posição burguesa em relação a literatura e a ideia de que a cultura só era compreendida pela aristocracia.

O método de Leavis propunha o afastamento dos conceitos e maior foco em uma "experiência" emocional direta do leitor com o texto, ligava-se precisamente a um esforço de cunho educacional. Essa espécie de "experiência", assume aqui uma perspectiva mais subjetiva, "ligada ao cultivo da 'vida' e à disseminação dos valores que teriam sido dispensados da vivência cotidiana no mundo urbano-industrial" (AZEVEDO, 2007, p. 206). Neste caso, a crítica literária e sua prática significavam "construir um consenso de valores a partir do qual seria possível julgar os rumos incertos da civilização contemporânea — no dizer de Leavis, a civilização da máquina: contra seus males se levantava a literatura, encarnação dos valores da cultura" (CEVASCO, 2003, p. 35), uma espécie de retomada das tendências do romantismo em pleno século XX, que na visão de Williams nada mais era do que autoritária, idealista e elitista, dizendo que "a interpretação específica dada então foi, naturalmente, a de um declínio cultural; o isolamento radical da minoria crítica foi, nesse sentido, tanto o ponto de partida quanto a conclusão" (WILLIAMS, 2011, p. 25).

A crítica feita pelos marxistas propunha que: a humanidade genuína encontra-se nas relações econômicas e na realidade incontornável da luta de classes, enquanto a "crítica prática" de Leavis pensava ao contrário, pois via a cultura como guardiã do que restava de "digno" na humanidade e como posse de uma minoria que deveria preservar os valores humanos e a tradição cultural inglesa, e se apoiava nesses argumentos para assolar com o marxismo em sua Revista *Scrutiny*. Raymond Williams reconhecia a força que esse discurso literário recaia na sociedade inglesa da época, pois para ele a teoria cultural a que se propunha ainda não havia alcançado a necessária destreza na lida com os fenômenos da consciência e na sua capacidade de oferecer explicações razoavelmente adequadas para a realidade, algo que as correntes burguesas já o faziam.

A partir desse reconhecimento, Raymond Williams passa a construir uma abordagem de cultura com uma perspectiva renovada, concretizando o nascimento dos Estudos Culturais, algo que representou um momento de grande importância para a cultura e as humanidades. A fundação da nova disciplina concebe a cultura como campo de luta em torno da significação social, segundo Maria Elisa Cevasco, "a nova disciplina trazia uma visão da literatura, como uma série de autores para os quais era necessário apresentar uma 'resposta pessoal'" (CEVASCO, 2001, p. 168) e difere-se da abordagem crítica tradicional, pois não concentrava especificamente na estética, a menos que seja necessário analisar sua conexão com a sociedade. O marco inicial dos Estudos Culturais pode ser definido a partir do lançamento de *Cultura e Sociedade*, livro de Williams que trata em materializar essa nova forma de discutir os fatos da cultura, com base em análises sócio-políticas, resultado de sua carreira como professor no ensino voltado para adultos.

Em *Dez lições sobre estudos culturais*, Maria Elisa Cevasco explica que o nascimento dos estudos culturais dá-se em função de uma necessidade política ligada à democratização da educação, ou seja, "da mudança de perspectiva no ensino das artes e da literatura e sua relação com a história e a sociedade contemporânea que começou na Educação para Adultos" (CEVASCO, 2003, p. 35), em oposição à proposta pedagógica dos intelectuais ligados à revista *Scrutiny,* a *Worker's Educational Association* (WEA) defendia uma educação pública e igualitária que partisse de uma cultura em comum, tal como Williams propunha. Segundo Hugo Tavares,

> O objetivo dessa correção, por parte de Williams, foi o de lembrar que, de fato, os Estudos culturais se iniciaram como empreendimento marginal, como resultado de uma práxis que se deu fora das universidades consagradas, a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade. (TAVARES, 2008, p. 11)

Foi nesse período que Williams, ao lado de Richard Hoggart, foram educadores

da WEA, uma organização de esquerda para a educação de trabalhadores, na qual ensinar não era somente uma profissão, mas um compromisso político, defendendo uma educação pública e igualitária que partisse de uma cultura em comum. Na WEA, tanto Williams quanto Hoggart se depararam com o desafio de reformular os métodos de ensino voltados para os adultos da classe trabalhadora, pois os trabalhadores exigiam que os conteúdos disciplinares tivessem relação com a realidade de suas vidas e com as questões que de fato lhes interessavam; era a chegada de novos tempos e conceitos, como: "interdisciplinaridade, experimentalismo, extensão, envolvimento militante e outros componentes que, uma vez amadurecidos, ajudariam o pensador britânico a compor sua concepção de educação popular" (AZEVEDO, 2017, p. 208), e mais híbrida, unindo componentes da filosofia, sociologia, estudos literários, história e a pedagogia em uma abordagem original acerca de questões culturais, trazendo para o debate pensadores importantes que formularam teorias sobre a cultura e a sociedade, como, Gramsci, Lukács, Brecht, Walter Benjamin, Adorno, Marcuse, Althusser, entre outros.

A consolidação e institucionalização dos Estudos Culturais se daria na década de 1960, com a criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* na Universidade de Birminghan, como o primeiro programa de pós-graduação em estudos culturais, em um contexto marcado por profundas transformações sociais, políticas e econômicas, buscando pensar a cultura e a sociedade como um todo, ressaltando as questões da cultura, da consciência e da experiência, enfatizando a importância da ação de grupos e classes na mudança social, diferentemente dos estudos e críticas literárias tradicionais, para quem o espaço da cultura existia a par da vida social.

2. Conceito de Cultura em Raymond Williams

O ensaísta britânico Terry Eagleton, influenciado pelos estudos de Williams, diz que a palavra cultura "pode ser descrita como uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua" (EAGLETON, 2005, p. 9). Raymond Williams, portanto, se coloca diante da complexidade que envolve o termo cultura e suas definições ao longo do tempo – ora um definição com base na etimologia do termo em relação ao "cultivo" e a metáfora agrícola, ora sendo cultura algo correlato a civilização, ora designando cultura como algo que se refere à produção artística – em outras obras filosóficas e sociológicas o termo é reconstituído historicamente com sentidos e significados diferentes, com analise semântico e com base nas mudanças sociais; segundo Cevasco, a produção cultural "é vista como *mímesis* dos sentidos disponíveis na sociedade e construção de novos sentidos que dão forma à mudança social" (CEVASCO, 2003, p. 73).

O termo deriva etimologicamente do latim *colere*, usado para designar coisas tão distintas quanto habitação – daí as palavras "colono" e "colônia" – mas um dos principais sentidos primitivos do termo também relaciona-se ao trabalho manual. Cultura significa, originalmente, "lavoura" ou "cultivo agrícola", já em meados do século XVIII, passou a designar civilização (civilizado, polido e seu oposto bárbaro) e ao longo do século XIX a palavra adquiriu um tom imperialista, no sentido de civilizar o outro (CEVASCO, 2003, p. 74). A versão inglesa para o conceito de cultura dominante até meados dos anos 1960 era de que a alta cultura era a tradicional britânica, cuja ação cultural era difundir os produtos culturais de tradição e saberes da classe alta, sendo, portanto, algo separado da vida comum, cotidiana, mas centrada na educação de uma classe privilegiada.

Para Williams, era necessário pensar a cultura em contraposição à definição idealista que insistia em pensá-la em separado da vida concreta, isto é, a ideia era pensar a cultura como "todo um modo de vida", colocando em questão e debatendo a visão clássica da cultura dentro da tradição inglesa, especificamente dentro da área da crítica literária. Tal definição pode ter suas origens reconstituídas a partir de *A longa revolução*, livro em que Raymond Williams retoma as ideias anteriores já esboçadas em *Cultura e Sociedade*. "Para o autor, a palavra-chave é "padrão": é com a descoberta de padrões característicos que a análise cultural tem início, e é com as relações entre esses padrões" (AZEVEDO, 2017, p. 210); nesse sentido o conceito de cultura passaria a representar um sentido antropológico, pensando originalmente em uma ideia de comunidade: "cada uma é socialmente distinta da outra mas, simultaneamente, todas se diluem na indistinção de um tecido comum: a comunicação" (AZEVEDO, 2017, p. 210).

Raymond Williams não só demonstra a historicidade do conceito de cultura e estabelece suas relações sociais, mas também promove um verdadeiro debate intelectual com três contemporâneos dentro da tradição inglesa de cultura e sociedade, I. A. Richards, F. R. Leavis e T. S. Eliot. Este último é para Williams não somente um opositor em relação as ideias que apresenta, mas também e ao mesmo tempo uma referência dentro do campo artístico e literário, alguém a questionar e criticar, mas também respeitar. A crítica que Eliot faz da visão liberal clássica, isto é, burguesa, de cultura é, para Williams, um divisor de águas na tradição do tema cultura e sociedade, pois, segundo o pensador galês, Eliot "levantou questões que os que se lhe opõem politicamente têm de responder, ou, então, abandonar o campo. Em sua análise e debate do conceito de cultura, levou o argumento a um novo e importante nível, de onde as velhas análises anteriores, se repetidas, nos pareceriam

pelo menos enfadonhas" (WILLIAMS, 1969, p. 240).

Para Eliot, a cultura é o modo *total* de vida de um povo, tanto o consciente como o inconsciente. Contudo, Williams identifica que "cultura em comum não é o mesmo que cultura igualitária. Entretanto, ao afirmar que a cultura é produzida por toda a sociedade indicou um caminho que seria seguido por Williams para desenvolver o conceito de cultura comum" (TAVARES, 2008, p. 16) algo que Eliot não deixa claro em seu pensamento de cultura *total.* Já Richards e Leavis foram os criadores da já mencionada "crítica prática": "a expressão 'crítica prática', mais tarde sinônimo de 'explicação' para os *New Critics* americanos, advém das experiências que Richards fez com os seus estudantes, pedindo-lhes que interpretassem fielmente textos literários" (TAVARES, 2008, p. 17) adotando uma leitura analítica minuciosa do texto independente de qualquer fator externo. Williams critica esse método, pois, para ele, é uma análise indutiva, renovável a cada leitura, impedindo desta forma a criação de uma teoria e o estabelecimento de um modelo.

Para Williams, a cultura é de todos, mas não é igual para todos, pois o autor tinha consciência que não se vive na sociedade capitalista a igualdade do ser. A desigualdade de propriedade e meios de produção impossibilita, na prática, o acesso básico aos direitos iguais que são assegurados por um sistema democrático. Uma cultura comum sempre pressupõe a igualdade do ser, mas não pode opor restrições absolutas ao acesso a qualquer das suas atividades: este é o sentido real do princípio de igualdade de oportunidades (TAVARES, 2008, p. 20).

3. A materialidade da Cultura

Essa nova teoria da cultura proposta por Raymond Williams parecia, de fato, apresentar-se como um novo elemento em relação a teoria do materialismo histórico,

propondo uma reflexão das relações entre esses elementos capaz de abarcar todo um modo de vida, como o próprio autor relata em *Cultura e Sociedade*,

> Estamos chegando, por várias orientações, a um ponto no qual uma nova teoria geral da cultura deve ser produzida. Neste livro, eu procurei clarificar a tradição, mas talvez seja possível ir adiante para uma completa reintegração de princípios, tomando a teoria da cultura como uma teoria das relações entre elementos em todo um modo de ida (WILLIAMS, 1969, p. 8)

Williams descreve de forma resumida o materialismo cultural como "uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico" (WILLIAMS, 2013, p. 12)

Em *A longa Revolução*, livro que dá continuidade à *Cultura e Sociedade,* o tema é retomado, com a história da cultura, como uma articuladora das histórias particulares, sendo mais do que a soma dessas histórias, pois é com a relação entre elas, as formas particulares da organização total, que ela está especialmente preocupada (WILLIAMS, 1961, p. 63). A análise por meio da história é a tentativa de descobrir a natureza dessas complexas relações, a apresentação histórica (1780-1950) quer demonstrar o desenvolvimento de um tipo de pensamento, como se forma e varia com um claro propósito social.

Em *Cultura e Sociedade* e em seus livros subsequentes, a reformulação da ideia de cultura, bem como a interpretação do materialismo histórico, centrou-se tradicionalmente na ideia de determinação da cultura pela base econômica da sociedade, resultando em um trabalho original e de grande importância, capaz de compreender criticamente às mudanças sociais, políticas e econômicas do capitalismo pós-guerras, como lembra Glaser, o materialismo cultural é, antes de tudo, um conceito político e sua essência é de cunho socialista (GLASER, 2008, p. 15).

Já na obra *Marxismo e literatura*, Williams afirma que "a teoria literária não pode

ser separada da teoria cultural, embora possa ser distinguida dentro dela" (WILLIAMS, 2013, p. 145); seguindo tais pressupostos, toda a abordagem do autor em relação à teoria marxista da cultura deve iniciar-se considerando os conceitos de infraestrutura (a base) e superestrutura, metáfora usada pelo marxismo tradicional para explicar, também, a relação entre cultura e sociedade, de modo que nos deparamos, então, com o materialismo cultural. Ao funcionar dentro do materialismo histórico, o materialismo cultural pode dedicar-se à análise dos significados e valores que constituem a cultura, sem correr o risco de igualar a cultura ao todo social.

Nessa reformulação do materialismo cultural, Williams explica em *Cultura e Materialismo* que,

> (...) tenho grande dificuldade em ver os processos da arte e do pensamento como superestruturais no sentido da fórmula tal como ela é usada. Mas em muitas áreas do pensamento social e político – certos tipos de teoria ratificadora, de lei e de instituição que, afinal, nas formulações originais de Marx, eram de fato parte da superestrutura – em todo esse tipo de aparato social e em uma área decisiva a atividade de construção política e ideológica, se não formos capazes de ver elemento superestrutural, não seremos capazes de reconhecer a realidade. (WILLIAMS, 2011, p. 50)

Mesmo reconhecendo a importância da teoria da base-superestrutura, Williams adverte que, "seria de muitas formas preferível se pudéssemos começar a partir de uma proposição que em suas origens foi igualmente central, igualmente autêntica", referindo-se à afirmação de Marx no texto introdutório *Para a Crítica da Economia Política* sobre "o modo de produção material condicionar o processo em geral de vida social, política e espiritual, sendo a vida social determinando a consciência" (MARX apud AZEVEDO, 2017, p. 220). Como Williams argumenta em *Marxismo e Literatura,*

> A proposição de base e superestrutura, com o seu elemento figurativo e com sua sugestão de uma relação espacial fixa e definida, constitui, ao menos nas mãos de alguns, uma versão bastante especializada e, às vezes, inaceitável da outra proposição [o ser determina a consciência]. No entanto, na transição de

> Marx ao marxismo e no desenvolvimento do marxismo mais difundido, a proposição da base determinante e da superestrutura determinada tem sido comumente considerada a chave para uma análise cultural marxista (WILLIAMS, 1977, p. 55).

É nessa "transição de Marx ao marxismo" que Williams argumenta que algo tenha se perdido, pois Williams concebe o materialismo cultural como alternativa à metáfora base/superestrutura, pensando a "cultura como produto e produção de um modo de vida determinado, e não como reflexo de uma base socioeconômica" (CEVASCO, 2001, p. 138). Portanto, a sociedade é constituída e constituinte da cultura. Então, o que se busca é "definir a unidade qualitativa do processo sócio-histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico podem e devem ser vistos nesse processo" (WILLIAMS, apud SÁ, 2011, p. 20).

Raymond Williams, com base em seus estudos, sugere que a teoria da hegemonia presente em Gramsci abre para os estudos da cultura grandes possibilidades para estudos da política. Na teoria de Gramsci, as ideias só se tornam efetivas se, ao final, elas se juntarem a uma constelação particular de forças sociais; nesse sentido, a luta ideológica faz parte de uma luta social por liderança – a hegemonia (SÁ, 2011, p. 40). Essa noção de hegemonia, segundo Cevasco, permite perceber a importância do *front* cultural em um processo de luta social, e essa articulação com base na hegemonia permite, no campo do marxismo, debater as noções de ideologias até então dominantes (CEVASCO, 2003, p. 110). Inspirado nas ideias de teóricos como Marx e Gramsci, Williams reafirma em seus estudos a mutabilidade das articulações políticas e práticas culturais, pois depende da rede de relações sociais. Cevasco explica que "a estrutura de sentimento é a articulação de uma resposta a mudanças determinadas na organização social" (CEVASCO, 2001, p. 158), reafirmando a prática social como base da experiência história e material, com forte intervenção política na realidade.

Dito isso, é possível ver que, para Williams, a sociedade pode ser analisada e, consequentemente, transformada a partir do reconhecimento de que a hegemonia não opera de maneira linear na esfera do sistema econômico,

> [...] uma vez que a produção cultural seja vista como social e material, então a indissolubilidade do processo social total ganha uma base teórica diferente. Ela não é mais baseada na experiência, mas na característica comum dos processos respectivos de produção. (WILLIAMS, 2013, p. 134)

Pode-se ver que a posição de Raymond Williams sobre o materialismo cultural, ou seja, de que os sistemas que compõem a sociedade devem ser vistos a partir de seu desenvolvimento histórico e a das bases materiais que os determinam, mantendo o legado de Marx ao pensar a cultura como um atividade material da sociedade. Williams mantém em sua teoria a posição de que as aspirações da classe trabalhadora manifestam-se na medida em que produz cultura: sua arte, sua literatura, suas atividades, em suma, as manifestações de suas relações sociais, pois para o autor britânico é impossível pensar o presente sem levar em conta uma mutação na esfera da cultura no mundo do capitalismo tardio, uma mutação que inclui a modificação na função social da cultura, diferentemente dos postulados anteriores que diziam que a cultura teria autonomia em relação ao mundo prático, cuja imagem a cultura nos devolvia em formas variáveis, entre a semelhança ou as contestações acusatórias através da crítica, e essa separação entre a cultura e sociedade foi, segundo Williams, "destruída pelo capitalismo". "Isso não quer dizer que a cultura havia sido extinta, pelo contrário, essa dissolução da autonomia da cultura em relação à sociedade nos leva a uma expansão prodigiosa da cultura por toda a esfera social: do valor econômico ao poder do Estado, das práticas a própria estrutura da nossa psique podem ser descritas como culturais" (WILLIAMS, Apud, CEVASCO, 2003, p. 53-54). Além disso, Williams se posicionará contra os limites da corrente do estruturalismo critico de Louis Althusser, que dizia que os seres humanos

são efeitos ou sintomas de hierarquias tradicionais, e já estão inseridos na ideologia dominante, ou hegemônica, que estrutura a sua subjetividade.

4. A História e os estudos da cultura

Vimos que os Estudos Culturais têm sua origem em uma conjuntura teórica específica nos anos 1950, inserido em um debate profundo sobre a teoria da cultura e o pensamento econômico do marxismo comunista britânico e o endêmico conservadorismo político e elitismo cultural do movimento liderado por F. R. Leavis, que, a partir da revista *Scrutiny,* criada em 1932, empreendeu uma cruzada moral e cultural contra o "embrutecimento" praticado pela mídia e pela publicidade (MILLNER apud. SÁ, 2011, p. 38). Desse modo, os Estudos Culturais têm exercício grande fascínio entre intelectuais de várias partes do mundo, constituindo-se num amplo movimento intelectual e relativamente institucionalizado.

Nessa mesma época, historiadores e militantes do movimento operário se deparam com o surgimento de uma manifestação cultural dentro das indústrias, reconheceram o patrimônio urbano e operário das canções industriais, através de clubes de *folk,* trazendo consigo o debate em torno da cultura popular. Este inventário etnográfico das canções durante o processo de industrialização inglesa formará o pensamento de jovens historiadores na década de 1960, utilizando-se da metodologia da história oral, afim de consolidar e recuperar as "vozes do passado" (SÁ, 2011, p. 38). Pode-se perceber, nessa conjuntura, que havia uma articulação entre os estudos da cultura e a História social inglesa, como proposto por Williams incialmente ao aproximar a cultura das questões sociais, principalmente com a publicação de dois grandes livros: *Cultura e Sociedade* (1958), de Raymond Williams, e *A formação da classe operária inglesa* (1963) de Edward P. Thompson. Segundo Stuart Hall, "esses

textos de 'formação' fundamentaram a reflexão sobe cultura e sociedade nos anos 1960 e 1970, introduzindo elementos novos para se pensar a questão da cultura" (HALL, 2003, p. 131).

Enquanto o livro de Williams se propunha a realizar uma ampla revisão dos fatos relativos à história cultural, pensando sobre o conceito de cultura e sua interligação com a vida social e mostrando que tal conceito e a própria palavra surgiram no pensamento inglês durante a Revolução Industrial, e relacionando, assim, a cultura com suas origens e efeitos.

Já o livro de Thompson renovou totalmente a abordagem cultural dentro da tradição marxista britânica, estabelecendo um diálogo com a noção de classe dentro da teoria marxista, relacionando-a com o fenômeno histórico, propondo "como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas" (THOMPSON, 1987, p. 9). Tanto Williams quando Thompson têm vinculações históricas com a luta social e cultural da classe operária, assim como os já mencionados Richard Hoggart e até mesmo com fortes influências do intelectual italiano Antonio Gramsci. A cultura, portanto, era entendida como lugar da luta por hegemonia, ganhando amplo espaço nos debates com a *New Left* e o movimento operário inglês.

Atualmente, no debate sobre as possibilidades e perspectivas dos Estudos Culturais, a obra de Raymond Williams ratifica a atualidade do diálogo entre os Estudos Culturais a partir da tradição da crítica cultural materialista, articulando a produção artística e as condições materiais da sociedade: "ao mesmo tempo em que transita entre a crítica e a produção literária, ele se preocupa com uma crítica cultural que analise e intervenha na realidade social." (SÁ, 2011, p. 39)

Desde os anos 1940, havia uma percepção em relação aos estudos da cultura e a possibilidade de entender o funcionamento da sociedade de forma crítica, visando à sua transformação. É nesse sentido que a *Worker's Education Association* (WEA) e a educação para adultos foram partes importantes nesse empreendimento e para a atuação da *New Left,* com destaque para os próprios Williams e Thompson. A criação da *New Left Review,* em 1960, por outro lado, representou o acesso à produção intelectual do marxismo Ocidental, "com a discussão das obras de György Lukács, Antonio Gramsci, Bertold Brecht, a Escola de Frankfurt e o marxismo francês, desempenhando papel fundamental na compreensão do materialismo cultural" (CEVASCO apud. SÁ, 2011, p. 40). É importante estudar, portanto, as práticas e os produtos culturais sem deixar de lado os condicionamentos históricos existentes, não apenas e necessariamente a leitura do texto em si.

Considerações finais

É claro que as condições de análise acerca do materialismo cultural, dos Estudos Culturais e da História cultural não se esgotam nesse texto. Segundo Carla Baute,

> Ao mesclar tradição e inovação, Raymond Williams não só trouxe novos objetos e novos temas às ciências humanas, como também novas ferramentas em relação aos estudos e atualização de conceitos e categorias cruciais para a análise da sociedade contemporânea Ocidental, na qual a cultura tem papel de destaque. (BAUTE, 2019, p. 44)

Vimos que o interesse e o fascínio pela cultura passaram por diversos intelectuais no mundo, sobretudo na Europa – nos estudos marxistas, originando trabalhos significativos no Reino Unido e na França, e na Escola de Frankfurt, na Alemanha. Para a estudiosa de Raymond Williams no Brasil, Maria Elisa Cevasco, o grande esforço de Williams não foi necessariamente estudar os novos autores, mas se

debruçar sobre os clássicos, fazer uma nova leitura dos autores consagrados, pensando em como esses autores lidam com o conceito e formato de cultura herdado do século XVIII, em relação ao tempo, espaço, sociedade e o sentido histórico.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Fábio Palácio de. O conceito de cultura em Raymond Williams. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS) São Luís** - Vol. 3 - Número Especial Jul./Dez, 2017, p. 208-220.

BAUTE, Carla. O "materialismo cultural" de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades**. Leitura**: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.37, n.77, 2019, p.33-46.

CEVASCO, Maria Elisa**. Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 35-110.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 138-168.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: editora UNESP, 2005.

GLASER, André Luiz. **Materialismo Cultural**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 15.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 131.

MARIANO, André Luiz Sena. O materialismo cultural de Raymond Williams: aproximações às pesquisas sobre história do currículo e da profissão docente**. Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, 2016, p. 332-344.

MILNER, Andrew. Apud. SÁ, Antonio Fernando de Araújo. História e Estudos Culturais: O Materialismo Cultural de Raymond Williams**. Ponta de Lança**. Ano 4, n.8, Abr 2011 - Out 2011, p. 37-44.

SÁ, Antonio Fernando de Araújo. História e Estudos Culturais: O Materialismo Cultural de Raymond Williams. **Ponta de Lança**. Ano 4, n.8. Abr 2011 - Out 2011, p. 37-44.

TAVARES, Hugo Moura. **Raymond Williams**: o pensador da cultura. Revista Ágora, Vitória, n.8, 2008, p. 11-20.

THOMPSON, Edward. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 8.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p. 13-50.

_____. **A Política e as Letras**. São Paulo: Ed. Unesp, p. 2013, p. 12-145.

_____. **The Long Revolution.** Harmondsworth: Penguin Books, 1961, p. 63.

_____. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969, p. 8-240

_____. **Marxism and Literature.** Oxford: Oxford University Press, 1977, p. 55.